[Títulos]
Na semana em que a União Europeia celebra os 60 anos dos Tratados de Roma, olhamos para o passado e para o futuro da Europa

Nesta edição especial, ouvimos a representante da União Europeia para Hong Kong e Macau, e analisamos as conquistas alcançadas e os desafios comuns numa Europa a 27
[Fim dos Títulos]

Bem-vindos ao Magazine Europa,

No próximo sábado, dia 25 de Março, celebram-se os 60 anos dos Tratados de Roma, que abriram caminho àquilo que é hoje a União Europeia.

A data é assinalada um pouco por toda a Europa, sendo o ponto alto oficial a cimeira de Chefes de Estado e de Governo que vai ter lugar dia 25 na capital italiana.

Desde 1957 muito mudou no velho continente. O jornalista André Jegundo, da Rádio Macau, recorda alguns dos principais momentos das últimas seis décadas:

RM – André Jegundo:
"Foi na década de 1950 do século passado, no rescaldo da segunda guerra mundial e no tempo da guerra fria, que vários pensadores começaram a sonhar com uma Europa diferente.
Em 1951, um ano depois da apresentação do que ficou conhecido como o Plano Schuman, nasce a Comunidade Europeia do Carvão e do Aço fundada pela Alemanha, Bélgica, França, Itália, Luxemburgo e Países Baixos.
Mas é em 1957 que esses seis países fundadores alargam a cooperação a outros sectores da economia. A assinatura do Tratado de Roma, a 25 de Março, estabelece a Comunidade Económica Europeia (CEE) – o chamado 'mercado comum'.
Em 1986, ano em que Portugal entrou para a CEE, o Acto Único Europeu vem criar um programa a seis anos que tem como objectivo eliminar os obstáculos ao livre fluxo de comércio na união e abrir caminho ao 'Mercado Único', que em 1993 se concretiza em quatro liberdades: a livre circulação de mercadorias, serviços, pessoas e capitais.
A assinatura do Tratado de Maastricht acontece nesse mesmo ano. O tratado define regras para o que irá ser a

futura moeda única e a comunidade europeia passa a chamar-se oficialmente União Europeia.
A 1 de Janeiro de 2012 o euro torna-se a moeda oficial em 12 países da União Europeia. Hoje são 19.
Em 2004 há outro momento marcante: a entrada de oito países da Europa central e oriental.
O Tratado de Lisboa entra em vigor em 2009, alterando tratados anteriores a fim de modernizar a União Europeia.
Em 2013, a Croácia eleva para 28 o número de Estados membros do bloco. Um número que se mantém até hoje, embora não por muito tempo, já que o Reino Unido está de saída."

Para a Chefe da Delegação da União Europeia para Hong Kong e Macau, a embaixadora espanhola Carmen Cano, o dia 25 de Março representa uma boa altura não só para ter em conta os desafios que pairam sobre a Europa, mas também para olhar para as conquistas alcançadas. Em entrevista ao Magazine Europa, Carmen Cano deixa alguns exemplos:

RM – Carmen Cano:
"Em 60 anos, a União Europeia conseguiu reestabelecer a paz e mantê-la entre os seus Estados membros; criámos um espaço único para o movimento de pessoas, capitais, bens e serviços; criámos uma moeda única, o Euro, a que pertencem 19 países europeus; não há fronteiras interiores na Europa para estudantes, que podem estudar em diversas universidades para projectos de investigação conjuntos; por exemplo, na Europa não pagamos roaming quando viajamos de um país para outro com o nosso telemóvel. A União Europeia está assente em princípios e valores comuns, apesar das diferenças entre diferentes Estados membros. Cremos num mundo multilateral onde temos de cooperar com os vizinhos, e gerar desenvolvimento, paz e estabilidade em todo o mundo. Por isso somos, por exemplo, os primeiros doadores e cooperantes para o desenvolvimento, com 58 por cento do dinheiro que em todo o mundo se destina à cooperação para o desenvolvimento."

A representante da União Europeia admite, no entanto, que há desafios pela frente:

RM – Carmen Cano 1
"Sabemos que a União Europeia é muito mais e vai mais além que o Brexit; que a recuperação económica depois da crise que assolou a Europa há uns anos já está ultrapassada – prevemos um crescimento de 1,8 por cento

para este ano; as taxas de desemprego também caíram para [uma média] de 1,9 por cento na Europa. Sabemos que enfrentamos [uma vaga] de populismo, que é um fenómeno não só na Europa, mas também em muitas outras partes do mundo, um nacionalismo que provoca exclusão e é mal entendido, mas as eleições de há dias na Holanda e de há meses na Áustria demonstram que a imensa maioria dos europeus crê na Europa e não se deixa levar pelo populismo. Creio que, como todas as outras regiões, a União Europeia enfrenta um mundo onde há mais incertezas e volatilidades do que há um ano, mas estes desafios abrem também oportunidades, porque a União Europeia acumulou a experiência, a resistência necessária e a vontade para enfrentar estas [questões] com êxito."

Na semana passada, na Holanda, o candidato da extrema direita, Geert Wilders, saiu derrotado das eleições gerais. Apesar de ter perdido deputados, o partido conservador do actual Primeiro-Ministro Mark Rutte saiu vencedor do escrutínio.

As negociações entre Londres e Bruxelas sobre a saída do Reino Unido da União Europeia estão prestes a ter início. Ontem mesmo um porta-voz da Primeira-Ministra britânica, Theresa May, anunciou que o Governo londrino vai accionar o artigo 50 do Tratado de Lisboa no dia 29 deste mês – uma acção que vai formalizar o início do processo de saída do país da União Europeia.

Carmen Cano lembra que o referendo sobre o Brexit acabou por ter um efeito positivo na opinião que os cidadãos europeus têm da União Europeia:

RM – Carmen Cano:
"Descobrimos que depois do referendo sobre o Brexit, o cidadão europeu confia mais na União Europeia do que antes do Brexit. Por exemplo, 81 por cento dos cidadãos europeus apoiam a União Europeia – mais do que os que o faziam antes do referendo britânico."

Quanto às negociações sobre a saída do Reino Unido da União, Carmen Cano mostra-se cautelosa:

RM – Carmen Cano:
"Evidentemente que serão negociações complexas. Depois de 44 anos de muita partilha, há obviamente muito de que falar. A União Europeia quer manter uma relação estreita com o Reino Unido; o Reino Unido quer abandonar a União Europeia mas continua a estar na Europa. Acreditamos que o

acordo a que se chegue tem de reflectir um equilíbrio entre direitos e obrigações e que as conquistas alcançadas pela União Europeia não podem ser colocadas em perigo."

O futuro da Europa e as prioridades para este ano têm vindo a ser discutidos em reuniões informais a 27. Carmen Cano diz que os líderes europeus entendem que as prioridades têm de dar resposta às preocupações e necessidades dos cidadãos europeus:

RM – Carmen Cano 5:
"Uma das principais preocupações dos cidadãos europeus é a segurança – este é, definitivamente, um dos aspectos em que estamos a avançar muito –; o crescimento – continuar a desenvolver um crescimento inclusivo e sustentável; e a criação de emprego. Desta forma, acreditamos que devemos conseguir responder às inquietações dos cidadãos e continuar o processo de integração a 27. Sabemos que a União Europeia não é perfeita, mas é o melhor instrumento que temos para enfrentarmos juntos e vencermos juntos [os desafios]."

No dia 25, os Chefes de Estado e de Governo vão reunir-se em Roma para discutir qual o modelo que a União Europeia deve seguir no futuro. Carmen Cano lembra as palavras do antigo Ministro francês dos Negócios Estrangeiros, Robert Schuman, um dos fundadores da União Europeia:

RM – Carmen Cano:
"A Europa não se fará de uma só vez, nem de acordo com um plano único."

Ao telefone a partir de Bruxelas está o comentador residente do Magazine Europa, Victor Ângelo, consultor internacional baseado na capital belga.

Olá, Victor, o que há a destacar nestes últimos 60 anos?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que quando se olha para os últimos 60 anos na Europa se tem de ser positivo, no sentido de que a Europa de hoje é muito diferente e muito melhor do que era a Europa há 60 anos. É melhor em termos de liberdades; é melhor em termos da economia; e é também melhor em termos da protecção social dos cidadãos europeus. A Europa é hoje um espaço de liberdades, é um espaço de direitos humanos e representa também uma economia próspera, ou economias prósperas, e sistemas de segurança social que funcionam e

que são generosos. Certamente que temos na Europa, neste momento, a melhor protecção social que existe no mundo. O que nós temos hoje na Europa é uma Europa sem cortinas de ferro, uma Europa em paz, uma Europa que se libertou dos vários regimes totalitários, uma Europa com uma economia moderna e também com modelos sociais muito generosos."

E quais são os principais desafios que a União Europeia enfrenta neste momento?

RM – Victor Ângelo:
"Por um lado, há desafios políticos, na medida em que é preciso continuar a explicar que a União Europeia é um projecto político, que trata de partilhar parte das soberanias nacionais entre os diferentes Estados. Há dimensões políticas também relacionadas com a aceitação das populações – nós temos de ter a certeza de que os cidadãos europeus, e sobretudo os mais jovens, apoiam e acreditam no projecto europeu. E esse é o grande desafio que nós temos neste momento pela frente. Temos também perante nós outros desafios, que são, nomeadamente, desafios relacionados com as desigualdades económicas que ainda existem entre os diferentes Estados. Essas disparidades económicas têm um impacto não só sobre a maneira de viver dos cidadãos, mas também sobre a sua aceitação do projecto europeu. Também é preciso que os europeus se sintam seguros do ponto de vista das ameaças internas e, sobretudo, das ameaças externas, mas também é preciso que eles se sintam seguros em termos de emprego, velhice e segurança social."

Ouvimos há pouco a Chefe da Delegação Europeia para Hong Kong e Macau dizer que a Europa "é muito mais que o Brexit". Mas este é um assunto que vai marcar a agenda europeia nos próximos tempos...

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que o Brexit, que vai ser um processo muito complexo e que vai desviar muito as atenções durante algum tempo, apesar de tudo, não é um golpe fatal para a Europa. As verdadeiras ameaças à Europa são outras. Por um lado, o declínio da credibilidade política e das instituições e nomeadamente das instituições europeias. Por isso, é fundamental que a credibilidade das instituições mereça mais atenção e seja reforçada. Outro grande perigo para a Europa é o medo que as populações têm das novas ameaças, nomeadamente das ameaças vindas da emigração, vindas da

globalização, ou seja, o medo dos outros, daqueles que vêm de fora. E também é preciso resolver o problema do défice de esperança que existe neste momento na Europa. É preciso que os europeus voltem a acreditar que a Europa é um projecto de esperança, um projecto que lhes trará segurança e prosperidade. São estas as três grandes questões que é preciso resolver."

Face aos desafios, quais devem ser as grandes orientações da União Europeia para os próximos tempos?

RM – Victor Ângelo:
"Os dirigentes europeus têm de preparar as novas gerações para a aldeia global. O futuro é um futuro globalizado e vai ser necessário rever todo o processo educativo europeu no sentido de preparar os jovens para a sua inserção no mundo global. Vai ser também necessário continuar a investir na modernização económica e no aprofundamento do mercado único, vai ser preciso definir a Europa pela positiva – ou seja, quais são os nossos valores, em que medida é que nós somos um espaço de liberdades, de direitos humanos e de igualdade entre os homens e as mulheres. Vai ser necessário proteger os cidadãos, fazer com que os cidadãos europeus se sintam protegidos. Avançar com a Europa política, ou seja, uma Europa de soberanias partilhadas. Ter um tipo de narrativa em relação ao futuro da Europa de modo a mostrar que a União Europeia é a única posição positiva e a única posição que defenderá os interesses dos diferentes países da Europa, e, além disso, é preciso também que a Europa defina que tipo de relacionamento quer ter com os vizinhos, nomeadamente com a Rússia, o Médio Oriente e o Norte de África, mas também que tipo de relação quer ter com a China e com os Estados Unidos, e também e sobretudo com a África, na medida em que este ano vai ser o ano da grande cimeira entre a União Europeia e a União Africana."

Quanto ao actual modelo que regula a União Europeia, é de esperar que haja alterações ao Tratado de Lisboa?

RM – Victor Ângelo:
"Eu penso que não. Penso que o Tratado de Lisboa vai continuar a vigorar, até porque neste momento há um grande receio na Europa que é o seguinte: se houver a discussão de novos tratados, no sentido de serem modificações estruturais importantes ao Tratado de Lisboa, vai haver quem peça uma discussão pública e um referendo, digamos assim, sobre esses tratados, e, neste momento, não

há muito apetite para novos referendos, não há uma grande vontade política para referendos, porque, na realidade, a experiência dos referendos tem mostrado que as pessoas não estão a votar em relação à pergunta que é feita no referendo, mas estão sim a votar em relação à situação política do momento no país em que vivem. E o referendo é, por isso, uma arma extremamente perigosa, aparentemente democrática, mas, na realidade, uma arma que pode ser de destruição maciça e, neste caso, que poderia destruir o projecto europeu. Por isso, revisão de tratados nesta altura é uma questão que está excluída, não está na agenda, e eu penso que se vai tentar aproveitar ao máximo o espaço dado pelo Tratado de Lisboa para aprofundar a integração europeia, sobretudo aqueles países que querem avançar em matérias de economia, de defesa, de relações exteriores, como se tem avançado também nas áreas da justiça e do ambiente, por exemplo."

Na próxima sexta-feira, os líderes dos 27 Estados membros vão adoptar uma declaração, a Declaração de Roma. O que é que deve constar deste documento?

RM – Victor Ângelo:
"A declaração é fundamentalmente positiva. Eu vi o projecto de declaração e, na realidade, a declaração reconhece que existem desafios importantes, quer desafios internos, quer desafios vindos do exterior, mas que a União Europeia vai poder resolver esses desafios e vai sair desta situação mais forte e com uma maior capacidade de resistir a novas ameaças. A declaração de Roma vai insistir também na unidade como sendo uma necessidade e não uma opção, e vai também focalizar-se muito nas questões da segurança e da defesa, e na resposta da União Europeia às questões da globalização. Por isso, as questões da segurança, da defesa e do relacionamento da Europa com o resto do mundo serão questões muito importantes na declaração; como também a declaração certamente irá falar sobre a questão da inovação e do crescimento económico."

A análise de Victor Ângelo, comentador residente do Magazine Europa.

A fechar, deixamos-lhe com o ranking dos países do mundo onde se é mais feliz.

A última edição do World Happiness Report, elaborado por uma agência das Nações Unidas, foi divulgada esta semana e indica que

as nações que ocupam os primeiros seis lugares do ranking, os lugares de maior felicidade, se situam todas na Europa.

É na Noruega que se encontra mais felicidade. Seguem-se a Dinamarca, a Islândia, a Suíça, a Finlândia e a Holanda, por esta ordem.

No fim da tabela de um total de 155 territórios analisados no estudo está a República Centro-Africana – o país do mundo onde se é menos feliz.

[Ficha técnica]

Com edição e apresentação de Sofia Jesus, a análise de Victor Ângelo e coordenação de Rui Flores, Magazine Europa resulta de uma colaboração entre a Rádio Macau e a Universidade de Macau no âmbito do Projecto Jean Monnet Magazine Europa.

As opiniões expressas neste magazine não representam necessariamente as posições oficiais das diversas instituições da União Europeia.

O projecto Jean Monnet Magazine Europa é uma parceria entre a Universidade de Macau e o Instituto de Estudos Europeus de Macau, co-financiada pela União Europeia no quadro do Programa Erasmus +.

Estamos no Facebook em Magazine Europa.